

Jean Derive et l'Afrique

une histoire d'amour



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2017

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Olívia Almeida

Diagramação

Bruna Honório

Revisão de provas

Estella Vidotti

Giulia Leroy

ISBN

978-85-7758-314-0 (digital)

978-85-7758-313-3 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sônia Queiroz: Você pode nos contar a sua história na África?

Jean Derive: Descobri a África quando eu tinha 20 anos. Era estudante e, não sei por quê, o continente me atraía. Os motivos no início são sempre imaginários, quando não conhecemos a realidade afundo. Fui com dois amigos, que também eram estudantes-pesquisadores: um estudava medicina e o outro, geologia. Fomos de carro da França até o Quênia e a Tanzânia, a fim de realizar um estudo. Tivemos alguns subsídios: ganhamos um prêmio para fazer uma reportagem mais ou menos científica sobre a sociedade massai, cuja língua não dominávamos. Eu tinha apenas uma ligeira noção, porque essa foi a primeira língua africana que eu aprendi um pouco, mas acabei por esquecer: o Swahili.

Voltei para França completamente fascinado por essa primeira experiência africana. Na época, para a minha geração, havia um serviço militar na França, no qual tínhamos que escolher, quando estudávamos, entre fazer o serviço militar no exército por 18 meses, ou escolher a cooperação em um país que precisasse de voluntários, e permanecer nele durante um período de dois anos de cooperação. Havia engenheiros, professores, mas eu, que fiz o magistério após a conclusão dos meus estudos, depois da agregação,¹ pedi para ir para a África. Não queria ir

¹ Agrégation: concurso francês para professores do ensino secundário e superior.

para um lugar onde havia muitos voluntários. Eu provavelmente estava com uma idealização romântica, quase ridícula do que seria a experiência, mas eu sentia necessidade de viver a África de forma profunda. Pedi para ir para a República Centro-Africana, que ficava realmente no coração da África: ao sul do Chad e ao norte da República Democrática do Congo, na época chamada de Zaire.

Lá, fui nomeado professor num liceu chamado Barthélémy Boganda (em homenagem ao primeiro presidente da República Centro-Africana). Naquela época, não havia universidades em Bangui. Quando cheguei, me acolheram muito bem: dei aulas de latim para estudantes que dominavam da língua, pois eram aqueles que tinham começado o seminário, mas o abandonaram por falta de vocação. O curso era bem intensivo e minhas aulas tinham que ser preparadas com muita seriedade. Cheguei a quase enlouquecer, pois, como não ensinava francês, o meu interesse pela língua e cultura local era praticamente uma obrigação. Foi quando comecei a aprender o dialeto local, que também era falado pelos missionários e pela maior parte do país: o Sango. Esse idioma é considerado uma versão veicular do falado pelos habitantes do sul, chamados yacomas.

Nesse período conheci pessoas do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) em Bangui. O CNRS é um órgão de pesquisa

francês. Jaqueline Thomas, um nome que talvez vocês conheçam, foi diretora de pesquisa nessa organização. Ela foi responsável por estudos bem detalhados sobre a língua e a tradição oral Mbaka: uma sociedade localizada no sul do país, da qual vieram os três primeiros presidentes da República Centro-Africana: Boganda, Dacko e Bokassa. Quando cheguei lá, Bokassa estava no poder, mas ainda não era imperador.

Na época, Jackeline Thomas (a quem muito admiro, não somente pelas conquistas científicas, mas por suas qualidades humanas) abriu diversas portas, não só para mim, como para vários outros jovens pesquisadores. E, graças à sua generosidade, comecei a estudar além do Sango, o Mbaka. Eu devia ter uns 23, 24 anos, quando Jackeline colocou seus livros, com uma descrição gramatical detalhadíssima, à minha disposição, facilitando meu aprendizado do Mbaka. Além disso, ela me introduziu à aldeia onde havia feito sua investigação (ato de enorme generosidade, já que os pesquisadores eram extremamente protetores com suas terras). Mas ela foi diferente: indicou-me informantes que me ajudaram a recolher a tradição oral. Ela era linguista (enquanto eu era da literatura) e foi através dos seus trabalhos que consegui aprender melhor a língua, já que não existia uma diversidade na literatura oral em Mbaka: eram predominantemente contos. Por isso possuo uma enorme

quantidade deles que, com ajuda de alguns informantes, transcrevi e traduzi.

Esse processo foi bastante determinante na minha vocação como africanista, e acabou resultando na minha primeira tese.

Minha tese, defendida em 1972, apontava os problemas de coleta e tradução das literaturas orais. A partir dela, escrevi um livro que foi publicado em 1975 pela SELAF - Société d'Études Linguistiques et Anthropologiques de France -intitulado *Collecte et Traduction des Littératures Orales – Un exemple négro-africain: les contes ngbaka-ma'bode* de RCA (Coleta e tradução das literaturas orais: um exemplo dos Ngbaka-mabo da República Centro-Africana). Trata-se da questão de qual versão escolher diante da variabilidade, de saber como fazer a transposição linguística de tudo o que é paralinguístico, de como traduzir os gestos e as entonações de voz, etc. Trabalhei com um comparatista francês bastante conhecido, René Étiemble, que foi meu orientador ao lado de Jaqueline Thomas. Graças a eles, consegui uma vaga como assistente na Universidade de Paris 3: Sorbonne Nouvelle. Foi quando, lendo muitos livros, comecei a trabalhar com o africanismo. Também conheci Geneviève Calame-Griaule, que foi minha orientadora de tese (a qual levei quinze anos para fazer).

Minha esposa, que também fez o mestrado em Etnologia e Linguística, estudou bambara, que é a versão padrão mais conhecida das línguas mandinga. Ela conseguiu uma vaga em Abidjan, em um instituto de pesquisa onde foi convidada a fazer um estudo comparativo de línguas. Sendo assim, escrevi para a Universidade de Abidjan, e eles me ofereceram uma vaga em Literatura Comparada. Com isso, voltamos em 1974, cada um com um trabalho na universidade, onde eu escolhi aprender a língua diúla.

Decidi começar minha pesquisa no norte de Abidjan, a 600 quilômetros da língua que eu tinha começado a falar. Acumulava as férias e os feriados para poder ficar mais tempo no campo. Comecei a coletar a literatura oral. Rapidamente me veio a ideia de que em uma determinada sociedade poderia ser interessante procurar reunir todos os gêneros existentes, na nomenclatura da língua, a partir do nome no idioma, ou seja, não a partir de conceitos ocidentais, mas, sim, usando nomes locais.

Eu me organizei para ir a campo combinando minhas férias de natal com as férias de Páscoa. Enviamos as crianças para a França para ficarem com meus pais, porque elas ainda eram bebês na época. Então fomos para o Norte, e tirando 15 dias de licença na universidade, pude permanecer em campo por um mês. Lá comecei a recolher literatura oral

e logo de início me veio uma ideia, uma hipótese, que de certa forma se confirmou: seria interessante numa sociedade tentar recolher todos os gêneros existentes na nomenclatura da língua local a partir dos nomes da língua e não a partir dos conceitos ocidentais (de contos, novelas, etc.), mas utilizar as palavras da língua local, pois os gêneros compõem os discursos do patrimônio cultural, e tentar recolher de modo exaustivo todos os gêneros e estudar esse conjunto como sistema. Acabei encontrando muita coisa interessante. Em outras palavras, se queremos compreender a cultura oral (nota: eu poderia dizer *literatura oral*, mas eu disse *cultura* em vários trabalhos, a legitimidade do termo *literatura oral* pois, a princípio, no sentido etimológico, literatura é escrita), eu tento mostrar que as pessoas têm critérios para distinguir os discursos patrimoniais que constituem a arte verbal que se assemelha a certa literatura e nos autorizam a falar de literatura oral. E eu penso que para compreender a função da literatura oral numa sociedade é preciso conhecer o conjunto dos gêneros, porque creio que os gêneros orais formam um sistema coerente. Cada gênero desempenha uma função e essas funções se relacionam, pois como em toda sociedade a literatura é feita de gêneros de legitimação que servem para legitimar um lugar, um poder, etc., mas também há os gêneros de subversão, como o feminismo, e outros menos políticos. Logo, é todo um conjunto de gêneros de subversão e

de legitimação que refletem a hierarquia, mas há também aqueles que contestam um poder, como grupos dominados, como as mulheres, os escravos, etc. Então eu estudei esse sistema.

Como eu não podia permanecer em campo, pois tinha que dar aulas na Universidade de Abidjan, eu rapidamente localizei uma rede de informantes. Eu tive a sorte de dispor de condições muito favoráveis em minha pesquisa na Universidade de Abidjan (eu tinha cinco ou seis gravadores). Então eu fui à Universidade, onde fazia minha pesquisa e formei minha equipe dizendo à eles que eu não queria que eles provocassem sessões de literatura oral, mas queria que registrassem apenas as produções naturais dos gêneros. Se as pessoas fossem a algum lugar, para fazer uma noite de contos, por exemplo, orientei para que fossem até elas e perguntasse se elas autorizavam a gravação (pois há gêneros sagrados que não podem ser gravados) e, se eles autorizassem, a minha equipe poderia gravar e anotar informações sobre o contador ou cantor e público. Havia na equipe vários estudantes já letrados que poderiam fazer essas anotações. A metade do *corpus* que se formou com esses registros eu utilizei para a elaboração da minha tese de doutorado, e

uma pequena parte desse *corpus* de cerca de 50 fita cassetes, era constituída dos cantos das mulheres diúla, e resultou num livro.²

Há um livro que resume bem a posição do Lacan, o laboratório em que eu trabalho, que foi editado há quase dez anos, em 2008, pelas edições Karthala em Paris, e feito em colaboração por pesquisadores do Lacan. Não foi feito como esses livros de congresso, nos quais cada um faz uma parte diferente e isolada, mas sim como um trabalho realmente feito coautoria. Esse livro foi intitulado *Literaturas Oraís Africanas* - Perspectivas teóricas e metodológicas. Cada autor leu a parte que foi escrita pelos outros e muito se discutiu em grupo: foi de fato um trabalho de colaboração. É importante que nós, pesquisadores do Lacan, compartilhemos as perspectivas teóricas. Sendo assim, fizemos o livro que, com 13 artigos organizados em 4 partes, aborda a necessidade de, durante as pesquisas, não se impor as categorias da cultura do pesquisador. Pelo contrário: tentar partir das categorias das pessoas com quem estamos trabalhando, explorar sua língua, para além das possibilidades de um questionário. Pode se dizer que, ao utilizar um questionário, acaba-se tornando prisioneiro das categorias lá contidas. É preciso

² Esse *corpus* gravado entre 1970 e 1980, é bem grande e tem cerca de 2 mil páginas em versão bilíngue diúla/ Francês; não foi completamente explorado ainda.

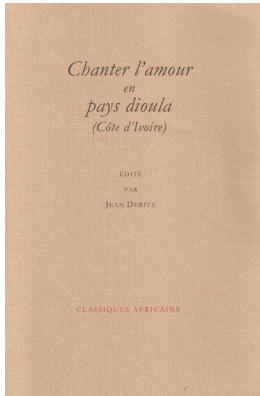
buscar as palavras na língua: o que elas significam. Escutar as pessoas, para poder analisar o que elas compreendem sobre determinadas coisas e qual a visão de mundo que elas têm. Coloca-se essa questão como problema, mesmo quando o pesquisador pertence àquela comunidade. Já que ele frequentou a universidade e assim aprendeu outros valores, tem tendência a aplicá-los sobre a cultura que está estudando. Esse é o grande risco que corre o etnólogo, o etnolinguista ou aquele que recolhe texto da tradição oral. Por isso fizemos um livro no qual apresentamos além de propostas de metodologia, técnicas para recolher, fixar, traduzir e analisar a literatura oral. É um volume que possui quase 500 páginas, apresentando também uma extensa bibliografia, capítulo por capítulo. Não o consideramos um manual, mas tivemos o objetivo de alcançar os estudantes, principalmente aqueles envolvidos em pesquisa sobre tradição oral africana.

Sônia Queiroz: Você teve a oportunidade de participar de rituais reservados aos iniciados? Se sim, foi preciso obter permissão especial?

Jean Derive: Há um problema que se coloca para o pesquisador que trabalha com recolhimento de tradição oral: existe um certo número de gêneros que são reservados aos iniciados, ou seja, os não-iniciados e estrangeiros não podem ver. Eu também me vi confrontado com esse problema, especialmente quando se tratava e dos “cantos de máscaras”

(assim chamados por eles). Apesar de tratar-se de uma sociedade islamizada, eles preservam algumas das máscaras pré-islâmicas. E como atualmente os islamizados suprimem tais resquícios, é preciso ser um iniciado para ter acesso a tais máscaras. Dessa forma, eu, como estrangeiro, não podia vê-las. Mas, como eu tinha uma relação muito boa com as pessoas daquele povoado, decidiram me iniciar: fizeram um simulacro para mim, em meio a uma cerimônia a sério.

Entrevista realizada em Belo Horizonte, na FALE/UFMG, durante o I Seminário de Estudos Literários: Ler Traduzir Editar, em setembro de 2015. Transcrição e tradução: Alex Idrissou e Sônia Queiroz/ Edição: Bruna Fernandes e Hélia Xavier.



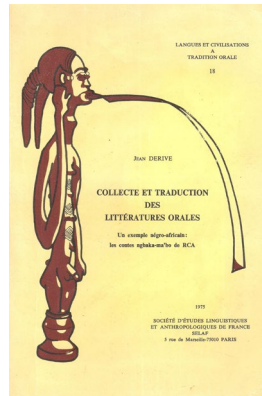
SOUS LA DIRECTION DE
Ursula Baumgardt et Jean Derive

Littératures orales africaines

Perspectives théoriques et méthodologiques



KARTHALA



Publicações em livro resultantes das pesquisas de Jean Derive sobre literaturas orais na República Centro-Africana e na Costa do Marfim.

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m2 (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m2 (capa) e costura artesanal com cordão encerado. Contém DVD.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, integrado por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.

